I CONGRESSO CRIM/UFMG

INTERSECCIONALIDADE E FEMINISMOS

I61
Interseccionalidade e Feminismos [Recurso eletrônico on-line] I Congresso CRIM/UFMG: UFMG – Belo Horizonte;

Organizadores: Luiza Martins Santos, Mariana Karla de Faria e Raíssa Emmerich Santana - Belo Horizonte: UFMG, 2021.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-65-5648-362-7
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: Gênero, feminismos e violência.
1. Gênero. 2. Feminismo. 3. Interseccionalidade. I. I Congresso CRIM/UFMG (1:2021: Belo Horizonte, MG).

CDU: 34

I CONGRESSO CRIM/UFMG

INTERSECCIONALIDADE E FEMINISMOS

Apresentação

O CRIM/UFMG é um Programa de extensão universitária da UFMG sobre violência de gênero, proveniente do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão em Crimes Contra a Mulher criado em 2019 por um grupo de estudantes universitárias da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que perceberam a necessidade de ampliar o espaço de debates, denúncias e enfrentamento da violência de gênero dentro da instituição.

O objetivo do Programa é trazer para o grande público questões relevantes referentes ao combate à violência de gênero de forma didática e acessível, de modo a contribuir em diferentes perspectivas, a partir da atuação estudantil em frentes com Profissionais de Saúde, Educação, Infância e Juventude bem como na abordagem de acolhimento de migrantes e refugiadas. Dessa forma, entende-se a necessidade de se desenvolver atividades – que não se limitem ao espaço acadêmico - por meio da criação grupos de estudos, eventos, campanhas de conscientização sobre o tema, além de ministrar oficinas, cursos e capacitação que abordem os diversos tipos de violências de gênero numa perspectiva de promoção da igualdade de gênero. Nesse sentido, o Programa, a partir de uma construção coletiva, busca romper com a cisão criada em uma sociedade desigual e assim, colocar como sujeitos políticos grupos historicamente marginalizados.

Nessa perspectiva, o I Congresso CRIM / UFMG - Gênero, Feminismos e Violência pretende incentivar o debate sobre os progressos e desafios em relação à temática gênero, considerando a integralidade da vivência do ser mulher em uma sociedade machista, cisgênera, heteronormativa, com claros atravessamentos de classe e raça.

O GT 1 - Interseccionalidade e Feminismos acolheu artigos que se desenvolveram a partir de uma perspectiva interseccional e da compreensão de como as discriminações de gênero se interligam com questões relacionadas à sexualidade, raça e classe. Temas que abordem as questões de gênero articulados com a divisão sexual do trabalho; a reconfiguração das práticas sociais e das relações trabalhistas decorrentes do capitalismo; os diversos processos culturais e identitários formativos relacionados à raça e sexualidade, sob perspectivas interdisciplinares. Foram propostas discussões sobre as diferentes estratégias de lutas por reconhecimento e direitos de movimentos democráticos contemporâneos, a partir de uma fundamentação teórica feminista que busca evidenciar a coexistência de mais de um sistema de opressão em relação às mulheres e outros agentes sociais.

POR UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL DAS JUVENTUDES NO SISTEMA CAPITALISTA

FOR AN INTERSECTIONAL ANALYSIS OF YOUTH IN THE CAPITALIST SYSTEM

Luísa Silva e Santos

Resumo

Motivado por uma pesquisa sobre as práticas feministas entre os jovens, este texto relaciona as leituras sobre as juventudes e estudos de teóricas feministas que consideram a categoria "idade" imbricada nas relações sociais. O objetivo é identificar onde os jovens se situam nesta intersecção e analisar atravessamentos das experiências juvenis com outras relações sociais. Em acordo com os estudos contemporâneos sobre juventudes, consideraremos a diversidade de sujeitos que compõem esta categoria e suas vulnerabilidades em meio às desigualdades do sistema capitalista, principalmente em relação à violência e ao trabalho. Portanto, ser jovem nem sempre significa possuir vantagens nas relações sociais.

Palavras-chave: Juventudes, Interseccionalidades, Nó, Violência, Trabalho

Abstract/Resumen/Résumé

The text associates the literature on youth and the studies of feminist theorists who consider the category "age" imbricated in social relations. The objective is to identify where young people situate themselves in this intersection and analyze crossings of juvenile experiences with other social relations. According with contemporary studies on youth, we will consider the diversity of subjects that form this category and their vulnerabilities in the inequalities of the capitalist system, especially in relation to violence and work. Therefore, being young does not always mean advantages in social relations.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Youth, Intersections, Knot, Violence, Work

1. INTRODUÇÃO

O debate proposto neste texto é um recorte da pesquisa que está sendo realizada na Iniciação Científica "Crise sistêmica e movimentos sociais: dilemas contemporâneos do feminismo"[1], onde estudamos as práticas das meninas no Movimento de Ocupações Escolares[2] e suas relações com o Movimento Feminista. Ao longo da pesquisa, observamos a importância da perspectiva interseccional sobre as juventudes para compreensão das experiências dos ocupantes em suas escolas. Diante disso, retomamos aqui algumas leituras realizadas na pesquisa e propomos reflexões que buscam contribuir para um olhar atento sobre os jovens e suas posições assumidas dentre a pluralidade de relações sociais.

O conceito de juventude por vezes é relacionado à determinada faixa etária, em que os sujeitos que ali se enquadram são denominados jovens. Para Carrano (2011), este entendimento da juventude por meio da idade seria incompleto, diante do conjunto de elementos econômicos, simbólicos, culturais e sociais que compõem esta categoria. Seria difícil estabelecer uma idade exata para o fim da juventude, já que os percursos de vida são constantemente atrasados em meio ao desemprego, crises, fome, dentre outras perversidades do sistema capitalista. Assim, se "virar adulto"[3] significa conquistar a independência financeira e certos bens materiais, diversas barreiras são estruturalmente impostas aos jovens de classe popular, negros e periféricos. E ainda que as análises sobre a juventude focassem apenas nestes sujeitos, que compartilham da mesma posição social, encontrariam histórias de vida únicas (CARRANO, 2011).

Diante desta pluralidade dos modos de ser jovem, Dayrell (2003) considera mais coerente dizer sobre juventudes. O termo, no plural, também rompe com a ideia de um grupo homogêneo delimitado por um fator único, como a idade. Para o autor, as vivências dos jovens perpassam pelas suas transformações e descobertas em determinada fase da vida, mas são diferenciadas pelas suas classes sociais, identidades, culturas e espaços onde vivem. Este emaranhado de relações sociais dos jovens os configura como sujeitos sociais que, a partir de

---

[1] A Iniciação Científica "Crise sistêmica e movimentos sociais: dilemas contemporâneos do feminismo" é orientada pela Professora Ana Elisa Cruz Corrêa, do departamento de Sociologia do Colégio Técnico da UFMG – COLTEC.

[2] O Movimento de Ocupações Escolares ocorreu nos anos de 2015 e 2016, quando estudantes secundaristas ocupam seus colégios. Diversas instituições públicas, inclusive universidades, foram ocupadas em vários estados brasileiros. O protagonismo das meninas no movimento foi evidenciado em reportagens, artigos científicos, filmes e documentários sobre o tema.

3 Expressão popular usada para marcar o fim da juventude.

suas relações com o mundo, elaboram seus pensamentos, reflexões e práticas. Diante disso, entendemos que as juventudes ocupam um lugar social que intersecciona outras identidades.

Alguns grandes movimentos protagonizados por jovens no Brasil apresentaram estas intersecções entre a identidade "jovem" e outras. À exemplo, no Movimento de Ocupações Secundaristas, ocorrido em 2015 e 2016, os jovens vivenciaram questões relacionadas à raça, gênero e sexualidade no cotidiano do movimento. Na ocasião, estudantes do ensino médio ocuparam suas escolas públicas em manifesto à determinadas políticas educacionais, mas também protestaram contra o machismo, a homofobia e o racismo vivenciados em sala de aula (ALVIM; RODRIGUES, 2017). Segundo Sposito, Almeida e Corrochano (2020), os jovens redesenham novos agrupamentos no interior de grandes movimentos, como as ocupações escolares, além de formarem coletivos autônomos relacionados às suas identidades.

A partir desta diversidade das juventudes e das suas práticas, entendemos que os jovens são sujeitos importantes para a compreensão das intersecções entre as relações sociais. Neste viés, iremos identificar a forma como algumas teóricas feministas incorporaram as juventudes em seus estudos. Para esta análise, consideraremos que patriarcado, racismo e capitalismo são sistemas correlacionados e que, portanto, devem ser analisados em conjunto. Diante da intersecção entre estas opressões, onde os jovens se encontram?

A fim de responder esta questão, relacionamos alguns estudos sobre juventudes e duas perspectivas feministas que também abordam a temática: a Interseccionalidade e a Teoria do Nó. Em relação à primeira, escolhemos a abordagem das feministas Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021). Para elas, a Interseccionalidade é uma ferramenta de análise que permite compreender que as desigualdades produzidas pelo sistema capitalista não recaem da mesma forma nas diversas pessoas do globo. As intersecções apresentadas pelas autoras entrelaçam raça, classe, gênero, sexualidade, religião, juventude, deficiência, espaço geográfico, dentre outras relações. Essa abordagem complexa sobre a Interseccionalidade permite que as autoras perpassem sobre as questões dos jovens em diversos contextos.

Já a Teoria do Nó foi abordada por Heleieth Saffioti (2004) e considera que gênero, raça e classe formam um "nó", ou seja, devem ser analisados em conjunto, visto que seus sistemas de dominação (o patriarcado, o racismo e o capitalismo) são diretamente relacionados. Saffioti, diz também que este nó é frouxo, pois permite que outras relações perpassem por ele, como a questão da idade.

2. QUAL O PAPEL DA JUVENTUDE NA INTERSECÇÃO OU NÓ?

Para as teóricas feministas Collins e Bilge (2021), os jovens são os primeiros sujeitos a perceberem as desigualdades sociais, visto que a idade abarca todas as outras categorias (gênero, raça, classe, sexualidade, etc.). Para as autoras, a juventude sofre com os conflitos das relações intergeracionais por olhar a sociedade de forma diferente dos adultos. Os jovens que moram em bairros pobres analisam cotidianamente os problemas sociais que enfrentam ao fazerem comparações entre seus espaços de convívio, lazer, saúde e educação com outros espaços centrais na cidade. Pensam também na vigilância e violência que sofrem e nos trabalhos precários oferecidos aos adolescentes no sistema capitalista.

Em relação à violência, os homens, jovens, pretos e de periferia são os mais expostos aos sistemas ostensivos de policiamento, leis antidrogas e cárcere. No Brasil, 25% da população carcerária responde pelo crime de tráfico de drogas, a maioria são jovens da periferia que atuam como pequenos revendedores dos produtos (COLLINS, BILGE; 2021). Nestes momentos, a intersecção gênero, raça, classe e espaço formam um alvo, usado sistematicamente pelo Estado capitalista para designar quem deve ser punido na "guerra às drogas".

Estes jovens negros e periféricos não vivenciam o imaginário do homem com privilégios. Este estaria mais relacionado ao "homem branco, adulto, heterossexual, dotado de satisfatória remuneração e assertividade nas relações de produção e reprodução social" (ROSSI, 2014). O envolvimento com o tráfico, ainda segundo Rossi, enaltece entre os jovens suas masculinidades destoantes, que formam os territórios urbanos do crime organizado e das drogas, onde podem performar um domínio de poder masculino, o qual não possuem fora destes espaços. Assim, a forma violenta que as relações sociais são estabelecidas dentro dos territórios do tráfico são respostas à violência e vulnerabilidade que estes sujeitos estão constantemente expostos nos lugares em que vivem.

Para Saffioti (2004), a violência da polícia e entre as gangues que atuam no tráfico matam principalmente os homens jovens da periferia. Segundo a autora, isso também desestabiliza as relações de gênero, visto que as mulheres jovens moradoras da periferia não sustentam os sonhos matrimoniais que outras meninas possuem. Mesmo que haja um machismo na sociedade ao pensar que toda mulher precise sonhar com o casamento, há jovens que sequer pensam nisso, visto que os homens com quem convivem podem ser mortos pela violência policial ou pelo crime. É importante pensar também que estas mulheres são, em sua maioria, negras, o que mostra a complexidade das relações do "nó" para Saffioti. Portanto, a socióloga expõe que as leis e estudos relacionados aos jovens não podem considerar apenas a classe, já que relações de raça e gênero também estão diretamente relacionadas às violências sofridas por este grupo.

Violência e Trabalho são temas diretamente relacionados, principalmente quando se trata das juventudes. Saffioti (2004) relaciona estes dois temas ao expor que o desemprego afeta principalmente os homens, que se sentem frustrados por não cumprirem seus papéis de provedores, como estabelecido pelo patriarcado no sistema capitalista. Este sentimento de impotência masculina é gerador de comportamentos agressivos e violência doméstica, onde a maior parte das vítimas são mulheres. Para Collins e Bilge (2021), os jovens também são diretamente afetados pelo desemprego, que afeta suas perspectivas de futuro e inserção no mercado de trabalho.

Em meio a esta realidade, as escolas cada vez mais permeadas pela racionalidade neoliberal, geridas por grandes empresas privadas através de parceria com o Estado, apresentam falsos mecanismos para as juventudes, principalmente as periféricas, saírem da violência e se inserirem no mercado de trabalho. Com o discurso contra o crime e as drogas, estas escolas, em conjunto com os programas de empreendedorismo social, oferecem oportunidades (*sic*.) para que os jovens tenham melhores expectativas de futuro. Nas salas de aula os conteúdos são elaborados para acostumar os alunos ao trabalho flexível, já nos projetos de empreendedorismo social, as empresas oferecem melhorias para os bairros pobres e os jovens residentes destes espaços trabalham voluntariamente para estas instituições. Nas escolas ou nos programas de empreendedorismo social, os jovens criam expectativas em relação aos seus futuros, mas se frustram ao permanecerem em situações de trabalho informal, desemprego e violência, realidades proporcionadas pelas mesmas empresas que prometeram a eles melhores condições de vida (CATINI, 2020).

Dessa forma, consideramos que algumas juventudes estão em posição de vulnerabilidade no sistema capitalista, principalmente quando analisadas por uma perspectiva interseccional. Os estudos sobre os jovens apresentados e a teoria interseccional de Collins e Bilge (2021), mostram que os jovens sofrem diretamente com a violência e o desemprego. Esta vulnerabilidade ainda é estrategicamente usada pela racionalidade neoliberal para flexibilizar os trabalhos destinados a este grupo, como apresentado por Catini (2020).

Porém, ressaltamos que os jovens não são sujeitos passivos frente às opressões que vivenciam. Para Collins e Bilge (2021), estes sujeitos propõem novas práticas que criticam diversos problemas sociais e rompem com a lógica neoliberal. Como exemplo, as autoras demonstram o caráter disruptivo e interseccional do *hip-hop*[4] entre os jovens, que se torna uma

4 O hip-hop é um movimento social que se expressa por 4 principais elementos: o dj, o mestre de cerimônia (mc), o *breakdance* e o grafite. Surgido nos anos 70 nos subúrbios estadunidenses, se consagra no Brasil como "uma forma de luta engajada nas causas do povo da periferia, dos negros e pobres que vivem uma situação de opressão

ferramenta de protesto aos sujeitos que se encontram à margem do neoliberalismo, principalmente no Sul-Global. Esta cultura produz sentidos diversos às juventudes de acordo com os sujeitos que a produz e os espaços em que é produzida. Também é evidenciado a potencialidade das ações do Movimento Feminista Afro-Brasileiro, que une diferentes gerações de mulheres negras para o debate sobre gênero, raça e classe.

Já para Saffioti (2004), é preciso que os estudos se mantenham atentos às atividades das juventudes que compactuam com opressões aos não idênticos e reproduzem as violências do sistema patriarcal, racista e capitalista. À exemplo, temos culturas juvenis com práticas de violência simbólica e física praticadas contra minorias sociais, como os *skinheads* em São Paulo (SPOSITO; ALMEIDA; CORROCHANO, 2020).

As análises sobre as juventudes realizadas pelas teóricas feministas escolhidas, em conjunto com outras literaturas sobre o tema, nos permitem identificar a pluralidade de posições que os jovens ocupam no sistema capitalista. Suas práticas podem resistir ou compactuar com as opressões de gênero, raça e classe. Estas experiências diversas mostram as especificidades dos sujeitos em relação direta com as estruturas de poder atuantes em suas vidas. Por este motivo, entendemos que o olhar intersecional para as juventudes é essencial para compreender as especificidades deste grupo e sua importância para a análise das perversidades do sistema capitalista.

5. REFERÊNCIAS

ALVIM, D. M.; RODRIGUES, Alexsandro. Coletivos, ocupações e protestos secundaristas: a fênix, o leão e a criança. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, n. Especial, p. 75-95, 2017. (https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8647747)

CARRANO, Paulo. Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência. **Teias**, v. 12, n. 26, p. 16, 2011. (https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24209)

CATINI, Carolina. Empreendedorismo, privatização e o trabalho sujo da educação. **Revista USP** , n. 127, p. 53-68, 2020.

social" (FOCHI, 2007). O educador Juarez Dayrell (2002), considera que o rap, linguagem musical do hip-hop, é um importante socializador das juventudes que permite aos jovens refletirem sobre suas vivências e identidades. Aqui, evidenciamos o hip-hop em sua prática de rua e periférica, destoante daquela apresentada na grande mídia e apropriada pelo neoliberalismo.

COLLINS, P. H; SIRMA, B. **Interseccionalidade**. 1. ed, Boitempo Editorial, 2021.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40 – 52, 2003.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e pesquisa**, v. 28, n.1, p. 117-136, 2002.

FOCHI, Marcos A. B. O hip-hop brasileiro: Tribo urbana ou movimento social? **FACOM**, n. 17, p. 61-69, 2007.

ROSSI, Rodrigo. Homens jovens em conflitos com a lei e seus territórios urbanos. In: SILVA, M. G. S. N.; SILVA, J. M. (org.). **Interseccionalidade, gênero e sexualidades na análise espacial**. 1. ed. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, 2014, p. 283-307.

SPOSITO, Marilia Pontes; ALMEIDA, Elmir de; CORROCHANO, Maria Carla. Jovens em Movimento: mapas plurais, conexões e tendências na configuração das práticas. **Educação & Sociedade,** Campinas, v.41, 2020. (https://www.scielo.br/j/es/a/ssmN855vJ5bZWdm5cb6HxxN/?format=pdf&lang=pt)

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência.** 1ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.